

Usuária questiona governo

A engenheira agrônoma Marcela Versiani Venâncio Pires, 22 anos, é uma das muitos usuários de planos de saúde que já precisaram contar com a assistência da rede pública de saúde em um momento de emergência. Há dois anos, a jovem voltava de uma festa de madrugada, dirigindo pela L2 Norte e seguindo em direção ao Lago Norte, onde morava. Já no final da via, Marcela adormeceu, perdeu o controle do volante e o carro capotou.

"Alguém chamou o Corpo de Bombeiros e me levaram direto para o Hospital de Base", comenta a garota, que ficou com a testa rasgada no acidente, o nariz quebrado em três pontos e o tornozelo também quebrado. "Eu estava inconsciente, mas me lembro de ter acordado uma vez e de ter dito que tinha plano de saúde, mas acho que é procedimento-padrão deles levar a pessoa para lá".

No Hospital de Base, on-

de ficou das 3h às 6h da manhã, fez um curativo e levou pontos na testa, e colocou ainda um pino no tornozelo. Após o atendimento emergencial, foi transferida para o hospital particular Santa Lúcia. "Depois que meus pais chegaram, cuidaram da transferência", lembra Marcela.

■ Atendimento

A jovem diz que não tem motivos para reclamar do atendimento recebido no

Hospital de Base. "Foi bom", afirma. No entanto, ela discorda da lei que determina que as operadoras de saúde reembolssem os hospitais públicos que atenderem seus beneficiários.

"A gente já paga impostos para ter acesso à saúde pública; como a saúde pública é ruim, tem que pagar um plano de saúde por fora, e esse plano ainda tem que ressarcir o governo? Não é justo, saúde pública é para todos", argumenta.